

# O LUDISMO LOBATIANO NO ENSINO DA PONTUAÇÃO

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tania Maria Nunes de Lima Camara (UERJ)

## **Resumo:**

No cotidiano da sala de aula, o professor consciente da necessidade de adotar novas metodologias no ensino da gramática da Língua Portuguesa preocupa-se em fazer dos fatos gramaticais, especialmente nos campos da sintaxe, da morfologia, da fonologia e do léxico, meios pelos quais o aluno desenvolve sua capacidade de expressão, na medida em que percebe a língua como algo que ele pode administrar de maneira funcional e criativa, adequando o uso à situação comunicativa, bem como ao gênero discursivo. Esse mesmo cuidado, porém, não se observa no tratamento dispensado ao estudo dos sinais de pontuação. A dificuldade que o aluno demonstra em destacar aspectos relativos ao emprego dos sinais gráficos como geradores de sentido e de expressividade evidencia a ausência de relevância dada ao assunto. Na maioria das vezes, trabalhar com pontuação se resume a fazer com que ele memorize regras gramaticais que estabelecem o emprego adequado ou não adequado dos diferentes sinais. Nos livros didáticos, por exemplo, os exercícios solicitam que se “ponte convenientemente” frases soltas, a partir das obrigatoriedades e proibições de emprego apresentadas no capítulo. O discurso não é levado ao aluno; aspectos relativos à entonação, ao ritmo também não o são. Além desses aspectos, tal estudo, pelo fato de apoiar-se no ato de decorar regras, mostra-se maçante e, por consequência, desinteressante. O presente trabalho busca propor uma nova metodologia de ensino, ampliando os fatores que determinam o emprego dos diferentes sinais nos textos escritos, sejam estes literários ou não literários, bem como buscando resgatar o aspecto lúdico no referido ensino. Para tanto, apoiados em Monteiro Lobato, especificamente na obra *Emília no País da Gramática*, procuramos demonstrar que é plenamente possível brincar com coisa séria e atingir os resultados almejados com relação à leitura e à produção de textos.

**Palavras-chave:** pontuação, Monteiro Lobato, ensino, ludismo.

## **1 Introdução**

A experiência como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica tornou evidente o quanto é necessário rever alguns procedimentos, bem como estabelecer novas metodologias no ensino da língua materna, no sentido de fazer dessa língua um objeto não só prazeroso no estudo mas também eficiente na comunicação. O ensino da língua materna carece, portanto, do envolvimento dos professores, no intuito de promover efetivas mudanças que verdadeiramente garantam o que normalmente se ouve referir por educação cidadã. Mudanças podem ser observadas no cotidiano da sala de aula, mas, ainda assim, novos procedimentos precisam ser implementados para que o quadro referente à educação básica apresente resultados positivos mais significativos.

A busca de um novo procedimento possível no ensino da língua materna é o objetivo do presente artigo, tomando como foco o estudo da pontuação. Já há algum tempo, aspectos ligados a esse assunto vêm despertando o nosso interesse e a nossa curiosidade. Vários têm sido os momentos em que, seja como docente, seja como leitora, vimos percebendo a necessidade de se aplicar um olhar mais cuidadoso para essa questão.

No trabalho da sala de aula, a preocupação do professor consciente da importância

da adoção de uma nova metodologia na abordagem dos fatos gramaticais leva-o a trabalhar com a preocupação maior de fazer desses conteúdos um meio do qual o aluno faz uso para desenvolver sua capacidade de expressão, na medida em que passa a ser capaz de perceber a língua como um instrumento rico que ele pode administrar de maneira funcional e criativa, considerada a situação comunicativa ante a qual se apresenta.

Esse mesmo cuidado não tem sido observado, porém, no tratamento dado ao estudo dos sinais de pontuação. A dificuldade que os alunos demonstram em destacar aspectos relativos aos sinais gráficos como fatores responsáveis pela produção de sentido e de expressividade nos textos trabalhados nas aulas; a baixa frequência de questões sobre o assunto em atividades de fixação e de avaliação, bem como o tratamento dispensado a ele nos livros didáticos de diferentes autores mostram de maneira bem evidente a pouca atenção que o assunto tem despertado.

Acreditamos que tal procedimento ocorre basicamente em função da maneira como o tema vem sendo apresentado. Na maioria das vezes, trabalhar com pontuação resume-se a fazer com que o aluno memorize regras que dão conta do emprego aconselhável ou desaconselhável dos diferentes sinais, a partir de um padrão sintático estabelecido. Nos livros didáticos, os exercícios normalmente o conduzem a "pontuar convenientemente" frases soltas, obedecendo a obrigatoriedades e a proibições.

Embora os materiais costumem iniciar o estudo da pontuação, estabelecendo a relação desta com a oralidade, fica evidente, na explicitação das regras apresentadas, que a ligação entre o oral e o escrito acaba por perder-se, uma vez que o critério sintático é mostrado como se fosse o único cabível. A entoação, o ritmo são desconsiderados, o que dificulta, por fim, a visão mais ampla que o aluno deveria apresentar no contato com o texto escrito, tanto na condição de leitor quanto na de autor.

Desse modo, aspectos ligados à marcação rítmica, ao valor afetivo, aos efeitos estilísticos, à finalidade estética, inerentes ao uso da pontuação, não chegam sequer a ser ventilados, tornando o trabalho pouco abrangente e inconsistente. No caso específico do Ensino Médio, entendemos serem mais graves as consequências de tal procedimento. O fato de haver, nesse nível, um trabalho sistemático com o texto literário já deveria por si mesmo fazer com que o estudo da pontuação fosse desenvolvido segundo uma outra ótica, mais ampla, visando a relacioná-la à produção de sentido do texto, não deixando de considerar as peculiaridades dos diferentes autores, alguns mais pródigos, outros mais econômicos; alguns mais, outros menos criativos com relação ao uso dos sinais. Tal cuidado, no entanto, não ocorre com a frequência que deveria ocorrer e, mesmo se ocorresse, soaria estranho ao aluno verificar a existência de empregos tão distanciados daquelas regras que ele sempre foi obrigado a memorizar e a obedecer.

Assim, um trabalho com pontuação que se limite a apresentar exclusivamente uma base sintática como determinante do emprego dos diferentes sinais não possibilita ao aluno perceber finalidades expressivas na maneira de empregar os sinais gráficos numa determinada situação estética.

Concluimos, pois, que, ao estudar a pontuação, é necessário estar o professor atento a determinados aspectos que costumam passar despercebidos. O primeiro deles remete ao fato de que os sinais gráficos são um instrumento valioso, no texto escrito, para a produção de sentido, qualquer que seja o gênero textual. É importante destacar que, ao fazermos uso da expressão "emprego da pontuação", entendemos tanto a presença quanto a ausência desse recurso no texto escrito. O segundo diz respeito ao fato de, ao lado de um padrão sintático-semântico, ser possível ocorrer um modelo rítmico-semântico, um emprego de base estilística que precisam ser igualmente

considerados. O terceiro, por sua vez, alude à possibilidade de, considerado o padrão sintático-semântico, verificar a manutenção ou a subversão das normas vigentes, dadas as intenções daquele que produz o enunciado. A todos esses aspectos devem estar atentos tanto o leitor/autor quanto o professor, no sentido de ver e de fazer outros perceberem a pontuação com o grau de importância que a ela é devido.

O aspecto lúdico, anteriormente referido, deve ser um traço sempre presente em qualquer que seja o nível de ensino da língua portuguesa: fundamental, médio e, até mesmo, superior. Nesse ponto, Monteiro Lobato, especialmente na obra *Emília no País da Gramática*, responde afirmativamente a esse princípio, na medida em que, acompanhando Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde, Rabicó, entre outros, nas aventuras que se apresentam, o aluno/leitor é capaz de aprender, sem se dar conta disso, sua língua materna.

O capítulo relativo à pontuação chama-nos a atenção por dois fatores principais: o primeiro diz respeito ao tratamento dado por Lobato no emprego dos sinais: cada um deles é apresentado à turma do sítio e ao leitor a partir das marcas semânticas e entonacionais que encerra. Lobato não se prende, portanto, à base lógico-gramatical que frequentemente caracteriza o estudo do assunto, o que entendemos como extremamente positivo; o segundo está relacionado ao ludismo: ao prazer de aprender brincando, o que pode levar o aluno/leitor, à semelhança do personagem Pedrinho em conversa com a avó, Dona Benta, manifestar o seguinte desejo: “Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira.” (LOBATO: 1994, p.7).

## **2 O texto escrito e a pontuação: considerações gerais**

Os estudos referentes a uma língua relacionam a formação dos signos verbais à percepção cultural do homem. O dinamismo caracterizador dos sistemas de relações enriquece o conceito do arcabouço linguístico, à medida que se tornam complexas as culturas dos grupos sociais e suas inter-relações.

Considerada sua condição de signo, essa deve ser a diretriz a ser seguida no estudo da pontuação. Do aparecimento dos primeiros sinais usados nos textos mais antigos ao estágio atual, muitos procedimentos são observados e todos devem ter destacada sua relevância como reflexos da tríplice relação homem – mundo – texto.

A necessidade de eternizar a expressão fez o homem, desde os primórdios, recorrer a arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, no intuito de não deixar perder dados de uma história. Daí, o valor da escrita, que, além de guardar a palavra, materializa o pensamento, revelando valores, visões de mundo, sentimentos, que, até um momento anterior, se mantinham em estado de possibilidade; em condição de imanência.

Tal é a importância da escrita na civilização ocidental, que pode servir de divisor da história da humanidade: antes e a partir dela, identificando-se com os avanços do espírito humano. As fases essenciais que nela podem ser reconhecidas – a sintética, a analítica e a fonética – dão conta das mudanças de percepção do homem em relação ao mundo. Na primeira fase – a sintética –, ocorre a representação de blocos de ideias, o todo como unidade de sentido. Por essa razão, um único sinal ou um grupo de sinais servia para sugerir o conteúdo em uma frase inteira. Em um segundo momento – fase analítica –, a percepção de que era possível fracionar o todo em unidades significativas menores fez com que cada sinal passasse a representar uma palavra, considerada a relação biunívoca entre esta e aquele.

Do registro da palavra, o homem chegou à notação dos sons – a escrita fonética, que se subdividia em silábica e alfabética. A divisão da palavra em sílaba – conjunto de

sons – e em unidade sonora, representada pelo alfabeto, sugere, além da passagem de uma fase de significação para uma de distinção, a consciência da possibilidade de novas combinações com um número finito de elementos.

O estabelecimento de unidades menores que a sílaba – a distinção entre consoantes e vogais – e a notação de cada uma dessas unidades por meio de um sinal específico fizeram nascer o nosso alfabeto, o qual foi intermediado pelo alfabeto grego, que, por sua vez, proveio do alfabeto consonantal fenício.

No registro escrito da palavra, aqui referida como sinônimo de discurso, no entanto, os analfabetos não dão conta dos fatos suprasegmentais, tais como ritmo e entonação, na medida em que cada sinal visa a ser a representação de um determinado fonema. Disso resulta que, “como os suprasegmentos sugerem interpretações, os copistas medievais criavam ou estabeleciam normas de pontuação para seus *scriptoria*, a fim de identificar suas lições de textos por marcas próprias. (CAFEZEIRO: 1993, p.87)

Surge, assim, a pontuação como elemento próprio do registro escrito, seguindo uma trajetória de empregos vários, até sua fixação nos textos de língua portuguesa.

### 3 O verbete nos dicionários

Houaiss (2009,p.1524) traz a seguinte concepção:

1 ato ou efeito de pontuar 2 na língua escrita, sistema de sinais gráficos que indicam separação entre unidades significativas para tornar mais claro o texto e a frase, pausas, entonações etc. (p.ex.) ponto, vírgula, ponto-e-vírgula, ponto-de-interrogação etc...) (...) ETIM fr ponctuation (1522) 'ato ou efeito de pontuar um texto', (1701) 'caracteres tipográficos', (1845) MÚS 'ato de marcar as pausas em uma composição'...

Alguns aspectos, com base no fragmento acima, convém destacar. Em primeiro lugar, a separação em "unidades significativas", associada à ideia de clareza, considerando "pausas" e "entonações", abrangendo, portanto, diferentes bases de construção: sintática, rítmica, pragmática, por exemplo. Em segundo, a alusão à música e às respectivas pausas das composições. Nesse ponto, vale lembrar que a literatura de língua portuguesa teve como primeira forma de expressão a poesia, nascendo, pois, aliada à música e a tudo quanto a esta diz respeito: o ritmo definido e repetitivo; a rima como recurso eufônico e mnemônico.

Em Aurélio (2001, p.1364), encontramos: “1. Ato ou efeito de pontuar. 2. Colocação dos sinais ortográficos na escrita. 3. Sistema de sinais gráficos que indica, na escrita, pausa (6), na linguagem oral”. Bem menos abrangente é a abordagem do autor; destaca-se a relação que estabelece entre a pausa da fala e a pontuação da escrita. À semelhança do que se observou em Houaiss, em Aurélio é possível considerar-se a pausa nos diferentes padrões anteriormente referidos.

Câmara Júnior (4ed, p.309) conceitua do seguinte modo: “Sistema de sinais gráficos, destinados a identificar na escrita pausa (v) na linguagem oral. Este sistema desenvolveu-se de maneira cabal e coerente no uso literário das línguas ocidentais moderna”. Destaca, ainda, a possibilidade de dividi-los em dois grandes grupos: o dos sinais para pausas conclusas, no qual se encontra o ponto, “o ponto e vírgula – quando duas frases estão articuladas entre si – , a interrogação, a exclamação” (CÂMARA Jr., 4ed, p.309) , e aquele para as pausas inconclusas, do qual fazem parte a vírgula, os dois pontos, os parênteses, as aspas e o travessão. Além desses, “Há ainda o sinal para a pausa de reticência (...), o qual também se usa numa citação escrita para indicar parte suprimida” (CÂMARA Jr., 4ed., p.310).

Mais do que considerações básicas acerca do verbete, Câmara Júnior, partindo da relação entre fala e escrita, descreve o emprego dos sinais gráficos, levando em conta múltiplos aspectos. O primeiro deles alude à importância da pontuação no texto escrito das línguas ocidentais modernas. O segundo diz respeito à divisão dos sinais em dois grandes grupos, levando em conta o critério sintático-semântico de classificação das pausas. Embora não haja sido explicitado pelo autor, tal critério é capaz de extrapolar, e muito, a divisão tradicionalmente considerada em termos de porções de sentido, atrelada essencialmente à sintaxe; questões de ordem semântica são capazes de estabelecer novos parâmetros na organização das idéias, ampliando, inclusive, o traço [ $\pm$  conclusa].

O autor remete o leitor ao verbete pausa, conceituada como "qualquer momento de silêncio durante uma enunciação" e subdividida nos dois tipos anteriormente referidos. Segundo ele, "... Esses dois tipos de pausa estão ligados à entoação", descendente ou ascendente, diante de pausa conclusa ou inconclusa, respectivamente. Na medida em que o conceito de entoação é trazido à cena, verifica-se que o autor não limita a pontuação ao nível exclusivamente sintático, pelo simples fato de a entoação não se relacionar a esse plano.

Tal apreciação tanto é correta que, ao longo do verbete pontuação, o autor faz referência a "aposiopese", título de pausa de reticência "em que a frase é interrompida definitivamente..." (p.79), com finalidade expressiva. Se a entonação não se limita ao aspecto sintático, muito menos o faz a expressividade, em nome da qual os mais audaciosos desvios se mostram pertinentes e indispensáveis na produção de sentido.

Quanto ao verbete grafema, ao qual o autor remete no final de sua explicação, "designa os símbolos gráficos unos, constituídos por traços gráficos distintivos" e "abrange os diacríticos (v.), os ideogramas (v.) como os números, e os sinais de pontuação (v.)" (p.198). Assim sendo, na condição de "traços gráficos distintivos", os sinais de pontuação funcionam como signos orientadores do percurso do leitor, na construção do sentido. Mais uma vez, não se percebe qualquer exclusividade da sintaxe no procedimento.

Em Jota (1976, p. 264-5), o verbete aparece assim conceituado: "Sistema de sinais gráficos indicativos das pausas e entoações". Na passagem, percebemos que o autor apresenta a pontuação como marcador de pausas e de entoações. Depois de enumerar os sinais gráficos, orienta o leitor a buscar "cada um deles no lugar próprio". Seguindo essa orientação, verificamos que, em praticamente todos os casos, Jota relaciona o emprego à sintaxe, tanto que quase todos os verbetes iniciam com a expressão "notação sintática". Entre as exceções, por exemplo, as reticências, que tradicionalmente são descritas como indicadoras de supressão de passagens; embora associada à sintaxe, encontra maior amparo no nível discursivo. No todo da exposição, o autor reafirma o elo entre pontuação e sintaxe.

No dizer de Dubois (1978, p.473), um sistema de signos denominado pontuação é utilizado no texto escrito com a finalidade de "indicar os limites entre os diversos constituintes da frase complexa ou das frases constituintes de um discurso, ou para transcrever as diferentes entoações, ou ainda para indicar as coordenações ou subordinações diversas entre as proposições". Estabelece, portanto, uma descrição tanto sintática quanto semântica.

A leitura dos conceitos de pontuação acima expostos traz à mente a tese de Marcuschi (2001, p.9), segundo a qual

falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido

numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina.

De igual modo merece destaque a relevância da entonação nas referidas descrições, o que faz relacionar fala e escrita, "... práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia..." (MARCUSCHI: 2001, p.17), assim como possibilita lembrar a proximidade da fala com a música.

#### 4 A pontuação em Monteiro Lobato

- E agora? – disse Narizinho. – Ela nos mandou brincar; mas brincar de quê, nesta cidade de palavras? Uma ideia! ... Vamos ver a pontuação! Onde fica a Pontuação, Quindim?
- Aqui perto, num bazar. Eu sei o caminho – respondeu o paquiderme.

O diálogo acima destacado inicia a visita da turma do Sítio do Picapau Amarelo ao local onde se encontravam os sinais de pontuação no instigante e divertido país da Gramática. Conforme afirmara Quindim, no referido bazar “encontraram os **Sinais de Pontuação**, arrumados em caixinhas de madeira, com rótulos na tampa...” (LOBATO,1994, p.57)

A partir desse momento, Emília vai abrindo, uma a uma, as caixas e expondo os respectivos conteúdos ao rinoceronte.

A primeira aberta é a das vírgulas.

- Vírgulas, Vírgulas e mais Vírgulas! Parecem bacilos do cólera-morbo, que Dona Benta diz serem virgulazinhas vias (...)
- Essas Vírgulas servem para separar as Orações, as Palavras e os Números – explicou ele. – Servem sempre para indicar uma pausa na frase. A função delas é *separar de leve* (LOBATO, 1994, p.57)

Algumas observações podem ser feitas com base no fragmento acima. Em primeiro lugar, percebe-se que a palavra que indica o sinal de pontuação apresentado está grafada com letra maiúscula, um aspecto sobre o qual o professor, em suas aulas, deve chamar a atenção dos seus alunos. Por algum motivo que não cabe aqui discutir, a tendência do aluno, quando solicitado a justificar, no caso, tal emprego, é dizer "dar ênfase", o que é, sem dúvida, uma resposta muito genérica. A ênfase, no caso, constitui um caso de personificação. O mesmo ocorre na referência aos outros sinais que aparecem no texto. A segunda observação relaciona-se ao uso metafórico da expressão "virgulazinhas vivas", usada por Dona Benta ao referir-se aos bacilos do cólera. A semelhança visual entre o bacilo e a vírgula justifica a metáfora, quando a Semântica surge como suporte. Essa é outra oportunidade que o professor não deve perder, ao tratar das figuras de linguagem. Por fim, a explicação dada pelo rinoceronte sobre o uso do referido sinal é de base sintático-semântica: na sintaxe, a combinação e a separação de termos, orações e numerais; na semântica, a brevidade da pausa que ele encerra.

Continuando a narrativa, outros sinais vão sendo apresentados, conforme demonstram as passagens que seguem:

- Emília (...) abriu outra caixa. Era a dos **Ponto-e-Vírgula**.
- E estes, Quindim, estes casaizinhos de Vírgula e Ponto?
- Esses também servem para separar. Mas separar *com um pouco mais de*

energia do que a Vírgula sozinha. (...)

– E estes aqui?– perguntou em seguida, abrindo a caixinha dos **Dois-Pontos**.

–Esses também servem para separar, porém com maior energia do que o Ponto-e-Vírgula. (...)

– Oh, estes eu sei para que servem! – exclamou ela, vendo que eram **Pontos Finais**. – Estes separam de uma vez – cortam. Assim que aparece um deles na frase, a gente já sabe que a frase acabou. Finou-se ... (LOBATO, 1994, p.57)

A caracterização dos sinais constantes nas passagens acima procede de maneira igual àquela usada para a vírgula: a grafia e a base para o emprego. Cinco outros sinais de pontuação são apreciados, como demonstramos a seguir:

Em seguida abriu a caixa dos **Pontos de Interrogação**.

– Ganchinhos! – exclamou. – Conheço-os muito bem. Servem para fazer perguntas. São mexeriqueiros e curiosíssimos. Querem saber tudo quanto há (...)

Depois chegou a vez dos **Pontos de Exclamação**.

– Viva! – gritou Emília. – Estão cá os companheiros das Senhoras Interjeições. Vivem de olho arregalado a espantar-se e a espantar os outros. Oh! Ah! Ih!!!

A caixinha imediata era das **Reticências**.

– Servem para indicar que a frase foi interrompida em certo ponto – explicou Quindim.

– Não gosto de reticências declarou Emília. – Não gosto de interrupções. Quero todas as caixas inteirinhas (...) (LOBATO, 1994, p.57-8)

A irreverente Emília apresenta, de maneira jocosa, os três sinais da passagem acima. O ponto de interrogação e o ponto de exclamação são semanticamente caracterizados: ao primeiro a boneca de pano chama de "mexeriqueiros" e "curiosíssimos"; quanto ao segundo, diz que tem "olho arregalado" e espanta a si próprio e aos outros. O mesmo ocorre com as reticências, das quais Emília não gosta em função das interrupções que elas representam. A ideia que cada um deles transmite é, pois, o centro das observações.

Os dois últimos sinais gráficos são os seguintes:

Depois abriu outra caixa e exclamou com a cara alegre:

– Oh, estes são engraçadinhos! Parecem meias-luas...

Quindim explicou que se tratava dos **Parênteses**, que servem para encaixar numa frase alguma palavra, ou mesmo outra frase explicativa, que a gente lê variando o tom da voz.

– E aqui, estes pauzinhos? – perguntou Emília, abrindo a última caixa.

– São os **Travessões**, que servem no começo das frases de diálogo para mostrar que é uma pessoa que vai falar. Também servem dentro duma frase para pôr em maior destaque uma palavra ou uma Oração.

– Que graça! – exclamou Emília. – chamarem Travessão a umas travessinhas de mosquito deste tamanho! Os gramáticos não possuem o "senso da medida". (LOBATO, 1994, p.58)

Sobre os parênteses, Emília compara-os a "meias-luas" valendo-se do aspecto gráfico. Quindim, por sua vez, relaciona-os ao ritmo, quando aborda os encaixes ligados à entoação, na referência à mudança do tom da voz na leitura em voz alta.

Quanto aos travessões, enquanto Emília utiliza a metáfora pela associação visual, Quindim responde com base na sintaxe. Ao final do capítulo, em tom de humor, Emília questiona o nome "travessão" dado àquelas "travessinhas de mosquito deste

tamanhinho!". Essa passagem constitui também um bom momento para o professor levar o aluno a refletir sobre o porquê da indignação da boneca. O fato de o nome do sinal terminar em "ão" levou-a à ideia de aumentativo, o que, em termos visuais, para ela, não tem razão de ser, donde a denominação "travessinhas". Em função desse fato, acusa os gramáticos de falta de "senso da medida".

Um outro ponto interessante da passagem é a redundância como intensificador da ideia de pequenez: o uso do sufixo – inh(a)(s) com o radical "travess" acompanhado da locução adjetiva "de mosquito", que alude também a tamanho pequeno, seguida de outra locução adjetiva – "deste tamanho", a qual carrega consigo o sufixo – inh(o), anteriormente referido. É certo que tais observações não dizem respeito ao estudo da pontuação propriamente dito, mas dois motivos podem justificá-las: em primeiro lugar, o fato de, como professora, apreciar e valorizar tudo quanto diga respeito à língua portuguesa em uso; em segundo, o cuidado natural de Lobato em relação ao elemento linguístico, trazendo sempre resultados interessantes que não podem passar despercebidos.

## Conclusão

Uma pesquisa que se volta para o ensino da língua portuguesa reflete a preocupação constante do especialista em buscar caminhos que conduzam à melhoria de qualidade do trabalho escolar e, conseqüentemente, do desempenho do aluno.

Nossa experiência em sala de aula da Educação Básica deixa evidente a dificuldade que o aluno tem de reconhecer, no texto, a língua portuguesa com a qual ele convive, dentro e fora da escola. O emprego normativo ou a ruptura no emprego das regras gramaticais, que ocupam tanto tempo do trabalho do professor, não são percebidos no texto como geradores de sentido. Perguntamos: que ensino e aprendizagem efetivamente ocorreram, se quase nada é percebido?

Em contato com perguntas, tais como "Por que quase não há verbos?", "Por que tantos substantivos abstratos?", "Por que quase não há adjetivos?", a resposta é um silêncio profundo. Muito poucos conseguem justificar as escolhas do autor.

Mais constrangedor ainda é o silêncio, quando os questionamentos envolvem o uso da pontuação. A sensação que se tem é a de que o aluno nem percebeu que o texto era, ou não, pontuado; que nunca passou por sua cabeça a ideia de que usar ou não uma vírgula alterava o sentido; que substituir um ponto e vírgula por um ponto traz um novo matiz ao enunciado.

Por esse e muitos outros motivos, entendemos que não só *Emília no País da Gramática*, mas toda a obra dita "infantil" de Monteiro Lobato deve ser bem mais conhecida e trabalhada pelos professores da Educação Básica. O uso intencional das aspas no adjetivo infantil visa destacar que o texto de Lobato merece ser saboreado por leitores de qualquer idade.

A sensibilidade linguística do autor talvez constitua uma de suas características principais. A idiossincrasia no uso de diminutivos, de sufixos, de prefixos, ao lado de produzir humor, despertando o prazer da leitura, leva o aluno, com a mediação competente do professor, a perceber a riqueza de instrumentos que a Língua Portuguesa põe à disposição de seus usuários, na busca de atingir os mais diferentes propósitos.

Revisitar Lobato sempre traz conseqüências positivamente surpreendentes.

## Referências bibliográficas

CAFEZEIRO, Edwaldo M. "Pontuação: do caos ao cosmo". In: ABRALIN: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* nº 14. São Paulo: ago 1993, p.87-95.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática* referente à língua portuguesa. 4ed. São Paulo: J. Ozon.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. 39ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. 2ed. São Paulo: Cortez. 2001.

Autora:

**Tania CAMARA, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> de Língua Portuguesa.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras, Departamento LIPO.

E-mail: taniamnlc@gmail.com

